

Folha de S. Paulo

12/7/1986

Duas pessoas morrem em choque ente PM e bóias-frias

Roberto Camargo

Enviado especial a Leme

Duas pessoas morreram e 22 ficaram feridas por volta das 6h de ontem, em Leme, 192 km ao norte de São Paulo, durante um confronto entre soldados da Polícia Militar e cortadores de cana em greve há dezenove dias. Orlando Correia, 22, casado, pai de dois filhos, que estava apenas há dois meses em Leme, e a jovem Sibely Aparecida Manoel, 17, que trabalhava como empregada doméstica, foram mortos após terem sido atingidos por balas que a PM nega ter disparado, insinuando que elas teriam partido de um Opala da Assembléia Legislativa, de São Paulo, ocupado por deputados do PT e dirigentes sindicais. Segundo a PM, foram eles que começaram a atirar dando início ao confronto. Os petistas refutam veementemente essas versões e atribuem à PM toda a responsabilidade pelos acontecimentos, acusando-a de ter agido com extrema violência na repressão aos trabalhadores.

Os corpos de Orlando Correia e Sibely estão sendo velados, desde ontem à noite, no velório da Santa Casa de Leme, após terem sido submetidos a autópsia na vizinha cidade de Araras, 177 km de São Paulo. O sepultamento ocorrerá hoje às 10h, em seguida a realização da missa de corpo presente. "Será um ato nacional da classe trabalhadora e dos setores democráticos deste país, contra o poder econômico dos latifundiários", disse Jamil Murad, 43, secretário da Central Geral dos Trabalhadores (CGT) no Estado de São Paulo e membro do Partido Comunista do Brasil (PC do B). Entre os cortadores de cana o clima de revolta é muito grande e este sentimento também foi compartilhado pela secretária do Trabalho do governo estadual, Alda Marco Antônio, 40, que afirmou: "Foi uma tragédia, não se admite que o trabalhador morra na rua em conflitos trabalhistas. Ela disse que o fato exige a apuração com urgência e colocação dos responsáveis nas mãos da Justiça".

O confronto ocorreu na praça do conjunto residencial Bom Sucesso, no bairro Santa Rita, um dos locais de parada dos ônibus que transportam trabalhadores rurais para a Usina Cresciunial, em Leme, e outras usinas da região. A área vinha sendo, desde o início da greve um dos principais pontos de ação dos piquetes, orientados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras com o apoio em alguns dias de parlamentares do PT e militantes da CUT. Mas ontem, segundo o deputado federal José Genoíno Neto, 40, a PM armou um grande aparato no local e em rápida assembléia cerca de dois mil trabalhadores decidiram que não seriam feitos piquetes para impedir a passagem dos ônibus. Segundo Genoíno eles decidiram continuar a greve mas evitar o confronto com a polícia, estabelecendo que na próxima segunda-feira, caso o policiamento continuasse reforçado, a paralisação seria feita nas próprias lavouras de cana.

"Já haviam passado cinco ou seis ônibus quando a polícia perfilou, cercou a praça e começou a distribuir golpes de cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e disparou tiros", afirmou José Genoíno. Ele disse que a PM teve esse comportamento como reação a alguns xingamentos que partiam de manifestantes populares. Estes, quando a PM começou a agir, correram cerca de trinta ou quarenta metros até as margens de um ramal ferroviário desativado e começaram a se defender atirando pedras nos policiais.

Deputados detidos

Genoíno juntamente com os deputados Djalma de Souza Bom, 47, (presidente do PT no estado de São Paulo) e Anísio Batista, (deputado estadual), além de Paulo Otávio Azevedo, virtual candidato a vice-governador pelo PT, disseram ter sido bastante espancados pelos policiais. Os três chegaram a ser detidos posteriormente, na Santa Casa juntamente com o tesoureiro licenciado da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) e candidato a deputado estadual pelo PT, Vitor Faria, o diretor da Fetaesp e da Confederação Nacional na Agricultura (Cnatag), Élio Neves, e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras, Norival Guadagnin.

Os parlamentares e sindicalistas ocupavam dois carros da Assembleia Legislativa de São Paulo, um com chapa "fria" MI-9964 e outro com a chapa oficial AL-22. De acordo com o boletim de ocorrência nº 1.207-86 ("duplo homicídio e várias lesões") elaborado pelo delegado de polícia titular de Leme, João Batista Dias Costa, 43, os tiros que deram início ao conflito teriam partido dos ocupantes do primeiro veículo (não especifica quais eram) que teriam cercado um dos ônibus que transportavam trabalhadores. Essa versão é atribuída a testemunhas entre as quais o motorista do ônibus Orlando de Souza, 45. Na própria delegacia, ontem à tarde, Orlando disse a Folha que, "um tiro saiu do Opala", mas não soube fornecer mais detalhes. "Quando vi, estava com pedra em cima e tive que deitar no ônibus, senão acabavam comigo", afirmou.

Tanto José Genoíno como Djalma Bom e cortadores de cana que participaram do tumulto negam terminantemente que tenha partido algum tiro do Opala da Assembleia. Eles afirmam que nenhum dos ocupantes estava armado e, além disso, foram obrigados a estacionar o veículo a uma grande distância por imposição dos responsáveis pelo policiamento.

Versão policial

O comandante do 10º Batalhão da Polícia Militar, com sede em Piracicaba, tenente-coronel Tércio Varela Sendim, 45, disse que a PM mobilizou cerca de duzentos homens vindos de diversas cidades da região de Campinas, "para garantir o direito daqueles que queriam trabalhar", uma vez que nos dias anteriores, principalmente os trinta soldados do pelotão da PM em Leme não haviam sido suficientes para conter a ação dos piquetes. O comandante disse que a ação policial foi requisitada a partir de "habeas corpus" concedido pela Justiça de Leme, com base em um pedido das usinas, após a declaração da ilegalidade da greve pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) em São Paulo.

O tenente-coronel Sendim disse que havia de oitocentas a mil pessoas fazendo piquete e elas passaram a atirar pedras. "O apedrejamento foi tamanho que impedia a passagem dos ônibus, e as pedras atingiram as viaturas". Mas, segundo Sendim, o tumulto teria começado quando "pessoas armadas de dentro do Opala da Assembleia Legislativa, dispararam a esmo contra os policiais" e estes teriam revidado "com tiros para o ar". Sendim disse que posteriormente os PMs encontraram um coldre no interior do veículo. O objeto foi levado à delegacia, segundo o militar, mas no boletim de ocorrência não há nenhum coldre entre o material apreendido e o delegado João Batista também disse desconhecer a sua existência.

(Primeiro Caderno — Página 21)